

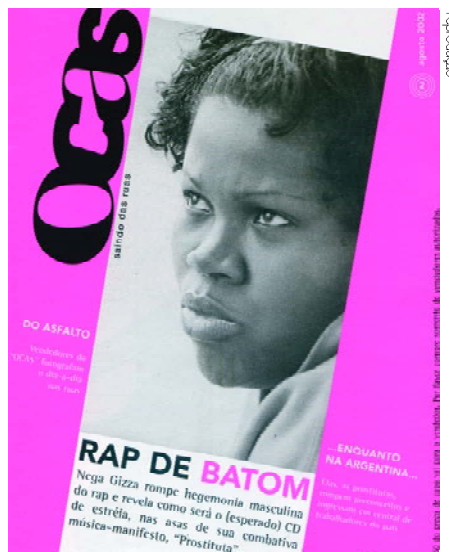


## PUBLICAÇÕES

## A organização internacional dos moradores de rua

Marcada pelo sofrimento e pela vulnerabilidade física constante, a vida dos moradores de rua se faz na luta diária em busca da sobrevivência e da resistência à exclusão. Mas a condição de habitante das ruas oferece a possibilidade de um olhar único sobre o cotidiano das grandes cidades do mundo. Veículos de comunicação, muitos dos quais pouco conhecidos, vêm conferindo visibilidade a esse olhar singular, oferecendo também alternativas de trabalho remunerado e de subsistência para os moradores de rua. Uma das iniciativas mais bem-sucedidas internacionalmente são os chamados *street papers*, jornais e revistas elaborados e/ou vendidos por moradores de rua. No Dia Mundial da Liberdade de Imprensa, a ser comemorado em 3 de maio de 2005, será aberta, em Buenos Aires, na Argentina, a 10ª Conferência da International Network of Street Papers (INSP), uma rede internacional que abrange as publicações do gênero.

As últimas três conferências aconteceram nas cidades européias de Glasgow, Praga e Madri, respectivamente. Em 2004, o jornal de rua *Hecho en Buenos Aires* ofereceu-se para sediar a próxima reunião. “Será bastante inspirador para os membros da INSP, principalmente aqueles dos chamados países desenvolvidos, conhecerem a



Revista criada em 2002, em SP e no Rio

produção de um jornal latino-americano feito com poucos recursos financeiros e bastante criatividade”, considera Lisa Maclean, gerente de projetos da INSP.

Com a realização de workshops e seminários, a conferência pretende constituir-se num espaço para a troca de experiências entre as publicações. A novidade da próxima reunião será o lançamento de uma agência de notícias denominada *Street News Service*, com o conteúdo a cargo dos movimentos sociais que trabalham com moradores de rua, e vinculados aos jornais e revistas que fazem parte da INSP.

**REDE DOS SEM-TETO** Sediada em Glasgow, na Escócia, a rede reúne 55 publicações de 28 países, responsáveis pela circulação total de 26 milhões de exemplares por ano. Todas as publicações são editadas em papel de boa qualidade, apresentam projetos gráficos inovadores e, além

de questões ligadas ao cotidiano dos moradores de rua, abordam assuntos relacionados a arte, entretenimento, projetos sociais e comportamento. A rede começou a ser tecida em 1991, com a revista inglesa *The Big Issue*, inspirada na iniciativa do *Street Journal* vendido pelos chamados *homeless* (sem-teto) de Nova York.

Os moradores de rua que decidem tornar-se vendedores dos jornais e revistas da rede recebem treinamento, uniforme, crachá de identificação. Devem respeitar um código de conduta que não permite vender a revista sob o efeito de drogas ou acompanhado de crianças. Cada vendedor recebe uma cota de exemplares e fica com o dinheiro resultante das vendas. O objetivo é que a interação entre vendedores e compradores dos *street papers* permita aos moradores de rua reconstruir vínculos sociais e retomar, de forma independente, projetos de vida, por meio de um trabalho remunerado.

**EXPERIÊNCIAS NO BRASIL** Duas publicações brasileiras integram a INSP: a revista *Ocas* da Organização Civil de Ação Social, entidade criada em 2002 em São Paulo e no Rio de Janeiro, e o jornal *Boca de Rua*, de Porto Alegre, que já participou de duas conferências da INSP.

Embora faça parte da rede, cada jornal ou revista executa seu projeto de forma autônoma e coerente com a realidade da qual faz parte. O jornal *Boca de Rua*, por exemplo, atua de modo diferente da grande maioria das publicações que integram a INSP. Na medida em que são apenas vendidas por moradores de rua, poucas delas



têm o seu conteúdo integralmente feito por eles, já que o objetivo principal desses jornais e revistas é a geração de renda. “A proposta do *Boca de Rua* é diferente: é dar voz a quem não tem. Nossa meta é conferir cidadania aos moradores de rua, por meio de um projeto de comunicação”, afirma Rosina Duarte que, juntamente com Clarinha Glock e Eliane Brum, criaram o *Boca de Rua* no ano de 2000. As jornalistas são responsáveis pelas reuniões semanais de pauta e pela edição final do jornal. Boa parte da finalização consiste na transposição da linguagem oral para a escrita, já que a maioria dos 35 moradores de rua que produzem o conteúdo do jornal, é analfabeta. O tema de cada edição, as reportagens, fotografias e ilustrações são discutidos e produzidos pelos moradores de rua, que também escolheram o nome e o logotipo do jornal.

A experiência do *Boca de Rua* permite, assim, lembrar uma faceta pouco discutida a respeito dos moradores de rua: a sua exclusão cultural. “A exclusão cultural e a material não devem ser concebidas de modo isolado, pois são simultâneas. Buscar a integração social dos moradores de rua fornecendo-lhes apenas a alternativa para a sobrevivência econômica — ou comida e abrigo — é importante, porém insuficiente. Essas pessoas procuram, como quaisquer outras, um sentido para a sua existência e só por meio da cultura é que essa busca se faz possível”, afirma a antropóloga Cláudia Magni, da Universidade de Santa Cruz do Sul (RS).

Carolina Cantarino

## OUTRAS MÍDIAS

Além da produção de jornais e revistas, outras formas de intervenção junto a essa população de rua - como oficinas culturais, com produções literárias, de vídeo, teatro, música e dança - vêm multiplicando-se em várias partes do mundo. Na França, os chamados ateliês culturais são promovidos em parceria do Estado com associações semelhantes às ONGs no Brasil. Chamadas de “espaços de solidariedade e inserção”, desenvolvem atividades culturais com as chamadas “pessoas sem domicílio”, categoria que abrange os que vivem nas ruas e aqueles sem moradia fixa, que contam, porém, com opções como hotéis sociais, albergues e outros recursos que o Estado francês oferece.

Para seu doutorado na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Cláudia Magni acompanhou um ateliê de vídeo por um ano, numa instituição parisiense que atende a população de rua. A pesquisa acabou por gerar dois vídeos etnográficos, sobre a produção de dois outros vídeos de moradores de rua. No curta *A oferenda de sabiá*, uma mulher africana representa, usando objetos oriundos de sua cultura e da francesa, a doação de seu filho morto para os seus ancestrais. Cláudia diz que realizar o vídeo permitiu a essa mulher lidar com a perda de uma criança, sofrimento que a fez optar por viver nas ruas de Paris. No vídeo *A vez dos sem voz* é possível acompanhar a produção de três curtas sobre pena de morte, realizados por um francês, um argelino e um tunisiano. Durante a produção, os três acabaram envolvendo-se na campanha mundial pela libertação de Mumia Abu Jamal, integrante do Panteras Negras dos EUA, que aguarda a sua execução, desde 1990, no corredor da morte.

Em março passado, os moradores de rua que fazem o *Boca de Rua* realizaram a sua primeira experiência com vídeo: registraram imagens de Porto Alegre, da perspectiva de quem mora nas ruas. Coordenado pela psicóloga Janaína Beckler, o vídeo *Carta de Porto Alegre* concretiza uma correspondência entre os moradores de rua de duas cidades brasileiras: os realizadores do jornal *Boca de Rua*, de Porto Alegre, e os vendedores da revista *Ocas*, de São Paulo. O contato inicial aconteceu durante o III Fórum Social Mundial, de 2003. A intenção é, com o vídeo, criar uma rede de comunicação entre moradores de rua brasileiros: os paulistas deverão, em breve, responder à vídeo-carta dos gaúchos. Espera-se que a correspondência se multiplique pelo Brasil afora.